
**Discurso do ministro da Educação, Cristovam Buarque, na Fundação
Joaquim Nabuco - Recife, em 17/2/2003**

Bom dia a cada um de vocês. Quero, em primeiro lugar, cumprimentar o governador Jarbas Vasconcelos, agradecendo a sua presença nessa solenidade e por meio dele cumprimentar a todos da mesa, da nossa geração, do Fernando Freyre, do Fernando Lyra, que é uma só. Cumprimentar o ministro da Saúde, Humberto Costa, que representa aqui o nosso presidente Lula, e, além disso, sua presença é uma marca que prestigia nossa solenidade.

Quero agradecer ao Fernando Freyre, agradecer a dedicação dele a essa instituição que hoje é referência nacional, mesmo fora do Brasil. Talvez ninguém nesse País tenha dedicado tanto tempo a uma só instituição quanto Fernando Freyre. Ninguém dedicou tanto tempo de sua vida, conseguindo fazer tanta coisa e transformado uma instituição pequena, apesar de ter por trás dela dois nomes como Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre, numa instituição com imensa qualidade que ela tem hoje.

Agradeço aqui não apenas como ministro, mas como nordestino, pernambucano, nascido aqui perto e frequentador até mesmo do Solar, quando colega do Fernando no Ginásio São Luís, ainda de calças curtas. Muito obrigado, Fernando Freyre, por toda essa tarefa que seu discurso, como um relatório impressionante, mostra. Mas numa instituição um dirigente dá sua maior contribuição quando mostra que ela sobrevive após ele. Quando mostra que ao passar a direção para outro dirigente, a instituição continua. George Washington quando recusou o terceiro mandato de presidente, disse que não queria correr o risco de morrer na presidência dos Estados Unidos porque ele iria pensar que a República não sobreviveria a ele. Ele queria assistir com seus olhos a continuação do seu trabalho.

Por isso, quero agradecer, mais do que a todos aqui, ao Fernando Lyra. Agradecer, por ter aceito uma tarefa que eu achava que ele não iria querer assumir. Devo dizer a vocês que a Fundação foi uma das entidades que me angustiou – no sentido positivo, não negativo – desde o momento em que fui escolhido para ministro. Pelo meu vínculo com Pernambuco, e com a própria instituição, onde já fiz palestras, no tempo do velho Gilberto Freyre. E porque, sem dúvida alguma, não é fácil substituir Fernando Freyre. Não apenas pela origem, não apenas pela sua competência, mas também pelo tempo.

Mas, da mesma maneira que era difícil, era necessário. No entanto, eu não consegui pensar no nome de Fernando Lyra, até que me foi sugerido por uma pessoa que ele citou aqui como grande amiga dele.

Naquele momento, achei que isso era uma hipótese impossível. Mas, ao fazer o contato e ele dizer sim e não, não e sim, sim e não, terminou aceitando e eu agradeço. Agradeço em primeiro lugar pela razão pessoal; dele abandonar o aconchego da paisagem da Praia de Piedade, onde mora, da companhia da Márcia, das filhas e netos, da mania por CDs, DVDs, e-mails, que ele tem. Abandonar tudo isso para assumir a difícil tarefa, num momento tão grave da República, do ponto de vista financeiro, fiscal, em que a ânsia por novas idéias vão recair sobre os ombros de todos nós.

Muito mais fácil, Fernando, seria você ficar assistindo o que acontece no Brasil hoje. Ficar dando sugestões a cada um de nós, contribuir com o olhar distante e descomprometido. Você corre o risco de mergulhar na vida brasileira plenamente, nos próximos meses e anos. E isso não é fácil. Nós estamos iniciando uma revolução neste País, sem ter um modelo preparado, sem ter um exemplo do futuro, sem saber claramente que utopia vamos desenhar. Nós assumimos um governo com atitudes firmes, que não abriremos mão, mas abertos, absolutamente abertos, ao que vier como sugestão da construção.

Somos, sim, um governo de princípios e atitudes, mas, ainda não somos um governo com um modelo fechado, uma ideologia pronta. É isso que dá a você uma tarefa especial. Tenho a expectativa que esta entidade pode vir a ser a criadora, ou uma delas, do pensamento que vai reger como ideologia dominante as ações que o governo vai cumprir.

Nos anos 60, quando começamos a tentativa de reforma deste País, havia uma instituição chamada ISEB, que tentava pensar um projeto alternativo para o Brasil. Nós não temos um ISEB hoje. A universidade - eu sou um homem de universidade, continuo as minhas aulas - não vai dar essa contribuição porque a estrutura departamental aprisionou-a e a faz capaz de avançar o conhecimento em cada área, mas não a faz capaz de inventar o novo, multidisciplinarmente, como a Fundação Joaquim Nabuco, graças à visão pioneira de Gilberto Freyre, tem demonstrado que é capaz de fazer.

Ao assumir, cheguei a pensar em tentar criar um novo ISEB, a partir do MEC. Achei que podíamos usar aquele belo prédio do Rio de Janeiro, que não se usa mais, salvo uma parte na Cultura, para fazer ali um novo instituto. Mas, talvez, não seja necessário. De Recife, nós talvez possamos pensar melhor o Brasil do que no Rio de Janeiro, ou em São Paulo. Da mesma maneira que eu não tenho a menor dúvida que é do Brasil que nós vamos pensar uma utopia para a humanidade. A Europa, os Estados Unidos não vão pensar utopia porque eles estão satisfeitos com a vida vazia e rica que vivem. A África não tem condições de pensar utopias porque está tentando sobreviver à Aids, à fome e à tragédia da pobreza. Os grandes países da Ásia, como a China e a Índia, não vão formular projetos para a humanidade, porque eles estão praticamente em outro planeta, tão diferentes que são da civilização ocidental que hoje domina como pensamento da humanidade.

O Brasil é o melhor lugar para pensar o mundo, porque é aqui que nós temos todas as necessidades e todos os recursos para inventar o novo. Da mesma maneira, que tenho plena convicção, e digo isso em todas as partes, não só aqui, que o Nordeste tem mais condições de pensar o Brasil do que São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais ou Brasília. Por isso, meu caro Fernando Lyra, você tem um imenso desafio pela frente: liderar aqueles que aqui em Pernambuco, no Nordeste, no Brasil quiserem ter na Fundação Joaquim Nabuco um centro de pensamento e uma alternativa para o Brasil.

E você tem aqui, em primeiro lugar, uma grande inspiração na figura do patrono Joaquim Nabuco. Poucos brasileiros pensaram melhor, como estadista, o futuro do Brasil do que ele. Ele pensou, dedicou a sua vida à libertação e à abolição da escravidão, como hoje nós temos que lutar pela abolição da pobreza. Hoje, nós temos que agregar a luta por completar o trabalho dos abolicionistas, abolindo a pobreza, e completar a República. Um marechal proclamou a República, mas faltaram os milhões de professores para construí-la. Quem proclama a República pode ser um político ou um militar, mas quem a constrói é o professor e o pesquisador.

Nós não completamos a República. Não é República o país que gasta R\$ 3,2 mil, ao longo de toda vida, com a educação de uma pessoa pobre, porque ela tem quatro anos de estudo e R\$ 800 por ano de gastos e, ao mesmo tempo, gasta R\$ 250 mil, quase 70 vezes mais, na educação dos filhos das classes média e alta, porque esses filhos estudam 20 anos gastando R\$ 1 mil por mês. Não é República um país que forma uma aristocracia com tanto dinheiro e mantém a plebe excluída, com tão pouco dinheiro na sua educação. Não é República um país que tem 20 milhões dos seus brasileiros adultos analfabetos. Nós temos que completar a República, temos que fazer a segunda abolição. A chave disso é a educação do povo brasileiro. A educação alfabetizando os analfabetos; garantindo uma escola de qualidade para todas as crianças, independente do gênero, da raça, da classe e do estado onde nasceu; fazendo com que todos os jovens brasileiros terminem o ensino médio com qualidade; e que aqueles que entrarem na universidade tenham não apenas uma boa

universidade, mas também não sejam obrigados a abandoná-la por falta de dinheiro para pagar a mensalidade.

Esse é o desafio, companheiro Lyra, que nós temos pela frente. O seu, na Fundação Joaquim Nabuco liderando esse movimento de pensar o Brasil com olhos alternativos, o do Humberto Costa como ministro da Saúde, o do Jarbas Vasconcelos como governador, o meu como ministro da Educação, mas o de cada um que tem o privilégio de ser adulto nesse momento da história do nosso País.

Privilégio de ser adulto assistindo e podendo construir um novo país, privilégio de poder saber que daqui a 20, 30 anos, nós vamos olhar para trás dizendo: eu estava ali, eu ajudei a fazer uma República completa e a completar a Abolição da escravidão. Esse é um privilégio que nós não podemos abrir mão. Para isso, pode ficar certo que você terá o meu apoio no Ministério da Educação e que terá o apoio do presidente Lula no Palácio do Planalto. Ele está consciente das possibilidades de termos aqui, que é também o estado dele, um centro de reflexão sobre o futuro. Para isso, a Fundação vai ter que entrar em algumas mudanças. Mas, nenhuma delas parando qualquer dos projetos levados adiante durante esses 31 anos da gestão de Fernando Freyre. Não se pára o que anda certo. Nós não ganhamos uma eleição para parar, fechar e perseguir. Nós ganhamos para avançar e dobrar à esquerda. Vamos dobrar à esquerda sem partidarismo, mas com política, porque talvez não haja uma política pior do que dizer-se que não faz política.

Política a gente faz em cada instante da vida. Política a gente faz quando escolhe o livro que lê, o filme que assiste. Agora, é um equívoco pensar que política é sinônimo de partidarismo. O grande político é capaz de ficar às vezes contra o seu próprio partido, mas sem deixar de fazer a política certa. É o caso de sair do presente e defender coisas que ninguém no seu tempo defende, e até perder eleições, mas sem deixar de ter uma visão política do interesse da população naquele momento. Vamos politizar, porque já somos politizados, mas não vamos partidarizar uma instituição que se dedica à reflexão.

Eu reafirmo aqui que nós temos que mudar o estatuto para voltar a dar mandato ao presidente da Fundação. Não podemos ter um presidente submetido à vontade do presidente da República ou do ministro da Educação, porque se algum dia sai uma pesquisa daqui muito contra ao trabalho do Ministério que eu dirijo, ou eu vou ficar querendo demitir, ou vão ter que me demitir, ou vou aceitar que as coisas estão ruins, ficando calado. Prefiro que haja absoluta liberdade.

Reafirmo, também, aqui que esse mandato seja dado a alguém que tenha a confiança da comunidade, a partir de um processo de escolha que faça consulta a comunidade. Agora, deixo aberto: se a comunidade será só interna ou também se vamos ouvir a comunidade externa à Fundação. Porque um dos erros da universidade é fazer eleições apenas para dentro, sem levar em conta o que o povo deseja e o que o povo precisa. Reafirmo, também, aqui achar que é possível fazer isso entre seis meses e o fim do ano, mas não quero que tomem o que eu acho possível com o que deve ser feito. Eu quero que a comunidade faça uma consulta, escolha um novo presidente, que eu terei o prazer de vir aqui dar posse, quando vocês da comunidade sentirem que estão prontos para isso. Se bastarem apenas três meses, eu acho impossível, façam em três meses. Mas, se acharem que será preciso mais tempo, eu não terei nenhuma pressa, se a vontade for de vocês, se a vontade não for de uma ou duas pessoas apenas.

O fato é que nós precisamos ter aqui uma entidade absolutamente independente do governo no que se refere à liberdade de expressão. Vamos acabar com a guilhotina do cargo de confiança, do presidente escolhido pelo ministro. A partir de hoje, deixo claro que o presidente Fernando Lyra tem mandato até o dia que eu vier dar posse ao próximo presidente escolhido por vocês. Por isso, quero concluir que até lá, meu presidente da Fundação é Fernando Lyra e vou trabalhar com ele. Vou dar todo apoio a ele. Faço aqui, o que não gosto de fazer nos discursos, que é tocar no pessoal.

Creio que eu tive muito mais emoção e alegria ao nomear o Fernando Lyra do que ele teve ao ser nomeado. Porque eu me sinto, como político, um discípulo de Fernando Lyra. Na sua lucidez, na sua falta de preconceito na hora de conversar com as pessoas, na sua imensa tolerância com todos. Eu me sinto um discípulo dele, na crença imensa que ele tem no futuro do nosso País.

Não é à toa, não é simples um discípulo nomear um mestre para o cargo que ele ocupa. Foi o destino quem me quis hoje nessa posição, mas nesse destino o Fernando Lyra me ajudou muito me nomeando como seu chefe de gabinete; na nomeação pelo governo, depois de ter sido eleito para reitor; me apoiando na luta para eleição ao governo do Distrito Federal, na campanha para o Senado. Ele terá meu apoio, porque eu sou um pernambucano, recifense, com apego profundo ao que acontece na Fundação Joaquim Nabuco e, mais que isso, sou um dedicado estudioso da figura desse grande brasileiro e pernambucano que foi Joaquim Nabuco, que, cem anos atrás, nos ensinou que era possível abolir a escravidão sem necessidade de uma rebelião dos escravos; o que a gente faz hoje, completando a República, e a Abolição, sem uma rebelião das massas. Ainda, por meio da eleição de um homem que vem das massas como o presidente Lula.

Como pernambucano, quero que vocês saibam que olharei para essa Casa. Se não dando prioridade, ao lado das outras entidades que pertencem ao Ministério, inclusive a minha Universidade de Pernambuco, em que estudei, e a de Brasília, onde sou professor; se não com preferência, mas certamente com o sentimento muito mais profundo de responsabilidade com o futuro do que vai acontecer aqui, com o futuro do Brasil a partir daqui.

Um bom dia para vocês e espero que estejamos iniciando uma continuação, acelerando e dobrando à esquerda.

Cristovam Buarque, 59, doutor em economia, é ministro da Educação. Foi reitor da UnB (1985-89) e governador do Distrito Federal (1995-98)